

CORALINA: RECONSTRUÇÃO POÉTICA DA MEMÓRIA

Marlene Gomes de Vellasco (Universidade Estadual de Goiás)

A poetisa Cora Colna nasceu a 20 de agosto de 1889, na casa por ela chamada carinhosamente de Casa Velha da Ponte, na antiga capital do Estado de Goiás, hoje cidade de Goiás. Ali viveu por vinte e dois anos, quando em 11 de dezembro 1911, parte “ em busca de seu destino”, ao lado o seu companheiro de” vida toda”, Cantidio Tolentino Figueiredo Bretas e vive no interior de São Paulo e na própria capital por quarenta e cinco anos. Viúva e já “vestida de cabelos brancos” (Coralina, 1994, p.) contando com 67 anos, retorna á terra natal, obedecendo ao chamado de suas raízes, de sua ancestralidade. Dá-se o reencontro com a sua casa natal em 1956 e como diz Bachelard (1978), a casa é o nosso canto do mundo que abriga o devaneio, protege e permite sonhar em paz. Assim, a casa abriga o sonho, o devaneio e “ se tem porão, nossas lembranças têm refúgios cada vez mais bem característicos” (p.24). Em Cora Coralina, há um porão que abre as portas de suas memórias e ela diz em uma entrevista:

“ Nós temos dentro de nós um porãozinho. Ele abre e fecha automaticamente. E as coisas caíam dentro de meu porão. E o porão se fechou. E ficou fechado durante quarenta e cinco anos. O tempo todo que eu estive fora da minha minha cidade. E eu senti a necessidade de abrir esse porão voltando. Lá não. Tinha que voltar para abrir o porão. Aqui é que o meu porão tinha que ser aberto soltando as coisas de dentro. Soltando o passado de dentro “.

(Entrevista na Casa Velha da Ponte, 1985)

Aninha/Cora, montou seu imaginário poético ainda criança, nos reinos de Goiás, ouvindo histórias dos antigos, principalmente de sua bisavó, histórias que viveu, observou ou ouviu contar e ao transcrever as velhas estórias , faz de “ um modo diferente de contar velhas estórias”, nos remontando ao “ narrador autêntico”, de que fala Walter Benjamin.

Aos 14 anos, lança seu primeiro conto, intitulado “ Tragédia na Roça”, é elogiada pelo professor Francisco Ferreira dos Santos Azevedo, autor do Anuário Histórico e Geographico e Descritivo do Estado de Goyaz, publicado em 1910 que comenta a respeito de Cora: “é um dos maiores talentos que possui Goiás; é um temperamento do verdadeiro artista. Não cultivava o verso, mas conta na prosa animada tudo o que o mundo tem de bom, numa linguagem fácil e harmoniosa, ao mesmo tempo elegante. É a maior escritora do nosso estado, apesar de não contar ainda vinte anos de idade” (Azevedo, 1987,p.209).

Diríamos que a riqueza integral da poética coralineana só pode ser entrevista na medida em que verificamos a sua íntima relação com o panorama de sua cidade natal, a sua infância, as pessoas, as coisas, o tempo, o espaço, a vida inorgânica, lembranças de seu mundo real e imaginário.

Todos os elementos que compõem a sua poética vão participar da reconstrução de um todo homogêneo, através do fluir da memória. E é deste fluir que nasce a intensidade e a densidade de seus livros. Neles, a palavra, o instrumento de trabalho da poetisa, é ato extremamente sério que busca se inserir no processo global da realidade, a fim de manter uma profunda visão em que o indivíduo se coletiviza como forma de se colocar na confluência das vicissitudes de um povo.

A construção poética de Cora trouxe o novo através do velho, traços do passado, renovados pela estética modernista. Trouxe para a escrita uma infância sem carinho de mãe e proteção de pai, “menina-mal-amada” (CORALINA, 1996), mas recebendo carinho sobretudo de Mãe Didi, a madrinha de carregar, que a amamentou e lhe contava estórias; a bisavó, fonte cristalina de sua memória, “minha bisavó contava e recontava”(CORALINA,19... .p) Mestre Silvina, a quem a poetisa lhe dedica o livro *Vintém de Cobre- Meias Confissões de Aninha*”:

“Foi pela didática paciente da velha mestra que Aninha, a menina boba da casa, obtusa, do banco da mais atrasadas se desencantou em Cora Coralina!

(CORALINA 2005, p.18)

Deve-se ressaltar que a poética coralineana não transmite os sentimentos de alguém derrotado pela vida, mas de alguém que triunfou sobre as contingências do destino e que acredita na possibilidade do ser, portanto, poetizar a infância de Aninha, “a menina feia da ponte da Lapa ,(CORALINA, 1993 P47) significa resgatar do baú da memória a sua própria história e as que ouviu contar, assumindo-se como uma legítima contadora de estórias, não da história oficial, registrada nos anais da cidade de Goiás, mas a estória dos que não têm voz, voltando-se para si mesma na voz do outro, registrando a sabedoria dos anônimos. Assim, ao transmutar em todas as obscuras do mundo, está incorporando todas as possibilidades de criar novos seres de estar com o outro, e encontrar a solidariedade humana e histórica.

Nesse sentido, podemos delinear o comprometimento de Cora Coralina ao levar para a sua poética todas as mazelas de sua cidade, registrando a vida degradada das personagens que povoam sua vida, tanto na terra natal, como em outras paragens, assumindo e denunciando de forma crítica toda a sociedade que desumaniza a pessoa.

Ela é o próprio sujeito, é a identificação do sujeito-poeta com esse povo que anda pelo residual da vida, espoliada de uma existência digna. Assim, Cora Coralina desenterra a poesia que está latente em todos os seres, mesmo os mais insignificantes, confirmando, deste modo, a postulação de Manuel Bandeira: “ poesia é o éter em que tudo é mergulhado e que, por sua vez, penetra em tudo.(BANDEIRA,1972,P.95)

Para Brandão (1991,p.76), é a memória “que torna possível a toda a formação discursiva fazer circular formulações anteriores”. A memória, então, é considerada como

fenômeno social, vez que o relacionamento do indivíduo com a sua família e com a sociedade permite lembrar fatos e situações. Cora Coralina preencheu a sua escrita poética utilizando elementos do passado, e segundo Halbwachs (1990), há uma memória pessoal, também denominada autobiográfica, e uma memória social, ou memória histórica. Cora Coralina em seu livro *Vintém de Cobre-Meias Confissões de Aninha* (1983), diz : “ este livro, meias confissões de Aninha, é um livro tumultuado, aberrante, da rotina de se fazer e ordenar um livro. Tumuludo, como foi a vida daquela que o escreveu. (...) este livro foi escrito no tarde da vida, procurei recriar e poetizar, Caminhos ásperos de uma dura caminhada (p.19). Portanto, é um livro autobiográfico, onde a poetisa faz referências específicas ao cotidiano feminino, destacando o convívio família , ou seja, a mãe, a tia, a escrava e a avó, mulheres que povoaram a sua infância, bem como as vozes solitárias de outras mulheres a exemplo de Maria Grampinho, a mulher “inquilina” que povoava os espaços do porão da Casa Velha da Ponte.

Segundo Ecléia Bosi , “ o passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência nas formas de imagens-lembranças” (BOSI,2003), no caso de Cora Coralina, essa consciência nas formas de imagens-lembranças, é construída através das histórias que sua bisavó lhe contava, a exemplo disso podemos mencionar o poema épico-lírico “ *O Prato Azul Pombinho*, onde a poetisa dos Becos de Goiás lança mão da expressão “ minha bisavó contava”, aproximando-se daquele narrador autêntico, de que fala Benjamin, aquele narrador que conta histórias, “pois entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais, contadas pelos inúmeros narradores anônimos (1994,p.198). Na obra de Cora Coralina, encontramos histórias contadas pelas mulheres que povoaram a sua infância e adolescência, dentre elas destacamos: Mãe Didi, Siá Balbina, Tia Nhá-Bá, Tia Nhorita , e tantas outras perdidas no tempo das lembranças.

Voltando ao Prato Azul Pombinho, era o “último remanescente, sobrevivente, sobra mesmo” de um aparelho de 92 peças, vindo de Macau, para as bodas de “sinhazinha Honória/ com o sinhô-moço Joaquim Luis”, história que sua bisavó “contava e recontava” e que “traduzia um sentimento sem igual, a lenda oriental estampada no fundo daquele prato” (2001), sobre um amor entre a princesinha Lui e seu namorado plebeu. A princesa estava prometida a um príncipe chamado Li, filho de outro nobre Mandarim, O pai, ordenou que os criados do palácio incendiassem o quiosque onde os namorados se encontravam, Mas um pombo,” levava numa argolinha do pé uma mensagem da ama que avisa ao casal sobre a vingança do pai e um barco na calada da noite, conduziu em alto mar os enamorados em fuga. É interessante observar que a fuga de Ana/Cora nos anos de 1911 também se deu na “calada noite” e ela atravessou o Rio Vermelho em busca de seu destino, uma travessia metafísica, onde o sujeito lírico acolhe o seu próprio destino:

Os namorados então,
na calada da noite,
passaram sorrateiros para o barco,
driblando o velho, como se diz hoje.

(CORALINA, 2001,p.17)

Rio Vermelho- meu rio
Rio que atravessei um dia
(altas horas, mortas horas)
Há cem anos....
Em busca de meu destino

(CORALINA, 1993,p.83)

A narradora em primeira pessoa, expressa um sentimento de encantamento, ao rememorar as emoções que sentia ao ouvir a bisavó contar a história dos namorados Lui e Li., e sem memória, não é possível reconhecer, identificar, nomear e descrever com tanta precisão o ano do enunciado (o fim do século XIX que contrastam com o tempo da enunciação, século XX (ano de 1956, tomando como referência o ano de publicação do seu primeiro livro, Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais) onde consta o poema O Prato Azul Pombinho, em uma coletânea para adultos., um “tipo especial de memorialística” no dizer de Antonio Cândido para falar da poesia de Drummond (CANDIDO, 1987.p.51, p.54-56) No ano de 2001 o poema ganhou uma publicação como livro infantil ilustrado por Ângela Lago, destacando a narratividade do poema., que é dividido em duas partes, sendo a primeira a descrição do prato e seus usos e a segunda o que aconteceu depois que o prato foi encontrado quebrado, culminando com o castigo da narradora que teve que “trazer no pescoço por tempo indeterminado,/amarrado de um cordão,/um caco do prato quebrado”.

O fato de carregar no pescoço um caco quebrado era um castigo que se praticava em Goiás como forma de punição às crianças que praticavam qualquer travessura , pois criança naquela época não valia mesmo nada. Em Estórias do prato azul-pombinho, Cora Coralina conta em uma Nota“ como acabou em Goiás, o castigo dos cacos quebrados no pescoço”. Conta a estória da menina Jesuína, filha de escrava forra e órfã, criada pela madrinha de mesmo nome, senhora “apatacada, dona de Teres-Haveres”. A menina Jesuína, um dia, por azar, quebra a tampa de uma terrina, e recebe como castigo, um colar de cacos quebrados no pescoço. Numa noite, uma das ponta do caço corta-lhe uma veia do pescoço, ficando a noite inteira a esvair-se em sangue e quando a madrinha acorda, encontra-a morta. “ Com o sacrifício da menina Jesuína., acaba-se em Goiás o castigo exemplar do colar de cacos quebrados no pescoço”. E quando chegou a vez de Aninha , era um só caco e mais uma vez a menina feia da ponte da Lapa recebeu em sonhos a proteção da fada-madrinha , que velava o seu sono, afastando o caco do pescoço da menina franzina, “ sem proteção de pai e carinho de mãe”.

A matéria poética em Cora Coralina é calcada na memória, cujos ingredientes foram recolhidos de seu próprio cotidiano e se configura no recordar, que é a própria da lírica, segundo Emil Staiger. Em última instância, ela é a reconstrução da história, não no sentido de repetir o princípio de uma existência, mas o de transformá-lo num outro princípio, pois acreditamos que o ato de rememorar é basicamente uma atitude de transcender o tempo, necessidade de fixar a essência do que passou e reexperimentar sensações, dispondo do domínio de plena liberdade para manipular suas lembranças, de tornar mais lúcida sua poesia, na medida em que mais penetra nas fontes da memória operando uma reiteração dos diferentes níveis de tempo num tempo único. Dessa forma recordar é a trilha lírica da memória, por onde transitam as imagens do passado esgarçadas da lembrança do presente., pois “um acontecimento vivido é finito, ou pelo

menos encerrado na esfera do vivido, segundo Walter Benjamin (1985,p.37). Em Cora Coralina a memória é a referencialidade do vivido.

Na poesia coralineana, construída a partir da memória, a realidade apresenta-se sempre com a imagem da infância, da cidade natal, das mulheres que povoaram o seu universo poético, lembranças de seu mundo real e imaginário., encerrando tomo a palavra de Drummond , Cora Coralina é “uma mulher extraordinária, diamante goiano cintilando na solidão, um ser geral, coração inumerável, oferecendo a estes seres que são outros tantos motivos de sua poesia: o menor abandonado, o pequeno delinqüente, o presidiário, a mulher-da-vida, os becos e sobrados. Cora Coralina, nome que invoca, me bouleversa, me hipnotisa, como no verso de Bandeira” (DRUMMOND,1979)

Para finalizar, gostaria de citar o poema “Todas as vidas”, uma síntese de sua eudade que se funde á essência dos outros eus, que saem da vida, de realidade vivenciada pela poetisa:

*Vive dentro de mim
Uma cobocla velha
De mau-olhado,
Acocorada ao pé do borrarho,
Olhando pra o fogo.
Benze quebranto.
Bota feitiço...
Ogum. Orixá.
Macumba, terreiro.
Ogã, pai-de-santo....*

*Vive dentro de mim
A lavadeira do Rio Vermelho.
Seu cheiro gostoso
D'água e sabão.
Rodilha de pano.
Touxa de roupa,
Pedra de anil.
Sua coroa verde de são-caetano.*

*Vive dentro de mim
A mulher cozinheira.
Pimenta e cebola.
Quitute bem feito.
Panela de barro.
Taipa de lenha.
Cozinha antiga
Toda pretinha,
Bem cacheada de picumã
Pedra pontuda.
Cumbuco de coco.
Pisando alho-sal.*

*Vive dentro de mim
A mulher do povo.
Bem proletária.
Bem linguaruda,
Desabusada, sem preconceitos,
De casca-grossa,
De chinelinha,
E filharada.*

*Vive dentro de mim
A mulher roceira
- enxerto da terra,
Meio casmurra.
Trabalhadeira.
Analfabeta.
Do pé no chão.
Bem parideira.
Bem criadeira.
Seus doze filhos
Seus vinte netos.*

*Vive dentro de mim
A mulher da vida.
Minha irmãzinha...
Tão desprezada
Tão murmurada...
Fingindo alegre seu triste fado.*

*Todas as vidas dentro de mim:
Na minha vida-
A vida mera das obscuras.*

(BBGEM, 2005,p.31)

REFERÊNCIAS:

- ANDRADE, Carlos Drummond. *Cora Coralina, de Goiás*. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 31 dez. 1979.
- AZEVEDO, Francisco Ferreira dos Santos (Org). *Anuário histórico, geográfico e descritivo do estado de Goyaz para 1910. Edição fac-similes*. Brasília: Sphan/8ª DR, 1987.
- BANDEIRA, Manoel. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1966
- BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: - *Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória*; ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 10.ed. São Paulo: Cia das Letras, 2003.
- CANDIDO, Antonio. Poesia e ficção na autobiografia. In: - *A educação pela noite e outros ensaios*. 3ª.ed. São Paulo: Ática, 2000
- CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. 20ª ed. São Paulo: Global, 2005.
- , *Vintém de Cobre-meias confissões de Aninha*. 9ª ed. São Paulo: Global, 2005
- , *O Prato azul-pombinho*. 3ª ed. São Paulo: Global, 2002.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Laurent Léon Shaffler. São Paulo: Vértice, 1990.
- VELLASCO, Marlene Gomes. *A poética da reminiscência: estudos sobre Cora Coralina*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 1990.

